

OLIVEIRA LIMA EM EVOCAÇÃO ACADÊMICA

Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci

N.da R. — Em seu discurso de posse na Academia Paulista de História (Cadeira nº 10), a Acadêmica Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci cuidou, como de praxe, de seu patrono (Oliveira Lima) e de seu antecessor (Arrison de Souza Ferraz). A parte de seu discurso referente a Arrison de Souza Ferraz foi aproveitada para a seção “Vultos da Historiografia Brasileira” do nº 127 desta publicação. É-nos grato divulgar, agora, também em primeira mão, a parte relativa ao patrono da Cadeira nº 10, o historiador pernambucano Manuel de Oliveira Lima.

Senhores acadêmicos. Nossa emoção é indescritível. Jamais sonhamos algum dia fazer parte desta Academia e, menos ainda, que nosso patrono viesse a ser Oliveira Lima, o eminente historiador-diplomata, por várias vezes tão injustiçado apesar da vasta folha de serviços à causa do Brasil, nos domínios da cultura e da diplomacia.

Nada nos parece, por outro lado, mais sério e dificultoso do que falar deste eminente patriota — “uma glória nacional” — como tão bem o disse Campos Sales. Com muita despreensão, pois, é que tentaremos dar, num “voil d’oiseau”, algumas pinceladas sobre sua ação, pensamento e atuação política, certos de estar muito aquém neste painel, de fidedignamente podermos demonstrar sua real contribuição para nossa pátria, nossa historiografia, nossa galeria de homens ilustres e imortais.

Algo em comum pelo menos possuímos com ele: o amor pelo Brasil, o gosto pelas coisas do Nordeste e a letra quase indecifrável de ambos... Porém, creiam-me, prezados Acadêmicos, tudo faremos para honrar o lugar que ora passamos a ocupar, bem assim o nome de nosso patrono e de nosso antecessor, Arrison de Souza Ferraz.

Nascido Oliveira Lima no Recife, aos vinte e cinco dias do mês de dezembro de 1867, traria, do berço, o arrojo do “Leão do Norte”, as vicissitudes dos choques nascidos das rivalidades existentes entre Olinda, dos senhores de engenho e do Recife, dos mercadores, dos movimentos revolucionários de caráter libertário, dos idealistas, mais literários que políticos, o grande amor, enfim, pelo Brasil que lhe nortearia a vocação de historiador, onde a fidelidade às tradições não deixou, todavia, de fazer

com que sentisse e vivenciasse as aspirações populares o que lhe permitiu com grandeza, apercepcionar-se das mutações havidas nos métodos da ciência histórica.

Sua vocação como historiador despontaria muito cedo, quando ainda o jovem Oliveira Lima, com apenas quinze anos de idade, lançou, em Lisboa, uma publicação destinada à divulgação de notícias e fatos do Brasil, em uma revista, sediada em sua própria casa e patrocinada por seu pai — homem interessado em coisas literárias — e que muito se orgulhava da iniciativa do filho. Teve duas fases o **Correio do Brasil**: a primeira, em 1882 e 1883, totalmente redigida por ele, e, a segunda, em 1885, quando então circularam mais sete números, com a colaboração de um amigo radicado em Portugal — Manoel Vilas Boas.

O gosto, a compreensão e o espírito crítico voltado às pesquisas diretas em Arquivos, despontou, de igual modo, muito cedo em Oliveira Lima, que preferia o trabalho intelectual a freqüentar a futilidade dos círculos sociais ou da boemia.

Já aos dezenove anos era ele escritor sólido, correspondente versátil, intelectual atuante, republicano convicto, homem preocupado com as questões sociais de seu tempo e com a defesa da independência cultural do Brasil.

O republicanismo de Oliveira Lima certamente se consolidou em decorrência de viver em um país — Portugal — onde tal princípio não era posto em prática, e, isto, o ajudou a voltar-se cada vez mais na consolidação de seus princípios, na esperança que em sua pátria não haveria uma sucessão ao trono quando do desaparecimento do Imperador Pedro II. O que realmente o chocou — idealista e liberal como era — fora a implantação do arbítrio que a monarquia não praticara e o “enxotar” do Brasil de dois velhos monarcas, alquebrados e doentes, numa clara demonstração de violência e, de outras mais, que certamente adviriam.

Retornando ao Rio de Janeiro após o falecimento de seu pai (1890), abria seu próprio caminho segundo suas aspirações, ou seja, para o serviço diplomático, sendo logo designado como Secretário da Legação Brasileira junto ao Governo de Portugal.

Deixaria o Tejo no verão de 1892 com destino à Alemanha, onde encontrou trabalho agradável e interessante, mormente para quem se dispunha a acompanhar a política internacional das grandes potências europeias de então. Na Alemanha, teve ensejo de publicar, em 1894, seu primeiro livro, precisamente sobre seu Estado natal: **Pernambuco: seu desenvolvimento histórico**, editado pela famosa Brockhaus, de Leipzig. Nesta obra, primeiro título de uma enorme bibliografia que ascende a quase quarenta volumes, analisou o passado pernambucano através de critérios científicos e muita seriedade, características, aliás, presentes em toda a sua

vasta produção. Ainda na Alemanha, e pela mesma casa editora de Leipzig, publicaria Oliveira Lima, em 1896, seu segundo livro, **Aspectos da literatura colonial brasileira**, cuja recente reedição, quase noventa anos depois, veio revelar um livro ainda atual e profundamente significativo pela compreensão com que soube tratar o tema. A idéia do autor, segundo ele próprio o declarou, era fazer desse livro como que uma introdução à história do romantismo no Brasil, o que se não efetivou, pois Oliveira Lima preferiu — em parte pelas exigências da carreira diplomática e em parte pelo grande interesse que passou a dedicar à história política e diplomática — tornar-se o grande historiador da formação histórica da nacionalidade brasileira.

Por algum tempo, dividiu Oliveira Lima seu tempo entre Lisboa, Pernambuco e Rio de Janeiro, cumprindo seus programas literários, até ser designado, em fins de 1896, para o cargo de Primeiro Secretário da Legação de Washington, onde desfrutou de excelente ambiente para sua carreira, mas onde pouco se demorou devido a desentendimentos, que infelizmente surgiram, com Assis Brasil, então nosso Ministro na capital norte-americana. Embora muito curta esta sua primeira permanência nos EEUU, propiciou-lhe, contudo, escrever excelente livro de impressões políticas e sociais sobre aquele país, que publicou em 1899, pela mesma casa editora alemã que publicara seus dois primeiros livros. Mal poderia supor o então jovem diplomata que, vinte anos mais tarde, retornaria aos EEUU, em privilegiada situação diplomática e cultural, desta vez vinculando-se definitivamente à terra norte-americana, ali vivendo seus últimos anos de vida.

Os desentendimentos ocorridos quando da estada de Oliveira Lima em Washington, a que já nos referimos, provocaram, em certos setores, uma impressão falsa em torno de seu temperamento, e, o apoio dado pelo velho amigo Joaquim Nabuco lhe fora muito salutar na ocasião, sobretudo no sentido de revelar quem realmente era aquele homem. Nesta altura, ninguém poderia supor que a onda de inveja viria, anos mais tarde, interceptar essa leal amizade, o que muito fez sofrer o nosso historiador-diplomata.

Uma rápida permanência em Londres propiciou-lhe prosseguir seus estudos de história diplomática, acrescentando mais três títulos valiosos à sua bibliografia: a **Memória sobre o descobrimento do Brasil e as primeiras negociações a que deu origem**, a monografia sobre **O Reconhecimento do Império** e a **Relação dos manuscritos portugueses e estrangeiros de interesse para o Brasil existentes no Museu Britânico**.

Ao lado da carreira diplomática, e sem prejuízo dela, revelava-se também o escritor e o homem participante de numerosas atividades culturais no Brasil, embora vivendo fora dele. Assim, foi escolhido um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897 (e o patrono que

escolheu não poderia ter sido senão Francisco Adolfo Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro), colaborou intensamente com José Veríssimo em sua "Revista Brasileira" e viu sua monografia sobre o descobrimento do Brasil premiada, juntamente com a de Capistrano de Abreu, pela Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, no Rio de Janeiro, e incluída, tal como a do historiador cearense, no grande **Livro do Centenário**, publicado em 1900. Sem exagero, podemos afirmar que o trabalho de Oliveira Lima é das melhores coisas existentes nessa importante obra coletiva, hoje bastante rara.

Mas, a carreira diplomática o impelia à novas terras e ei-lo designado para o Japão. Chegando a esse país, então pouco conhecido do Ocidente, relataria Oliveira Lima ao Ministério das Relações Exteriores a extrema precariedade em que se encontrava a Legação que acabara de reabrir em Tóquio.

O trabalho por ele lá iniciado foi, à princípio, essencialmente o de manter contactos com órgãos do governo e personalidades de evidência na vida japonesa, bem assim, a elaboração de relatórios para o Rio de Janeiro informando sobre a situação interna do Império e as possibilidades, ao seu ver, maduras, para o estabelecimento de uma política comercial entre o Brasil e o Japão. Convém frisarmos que a presença de Oliveira Lima em Tóquio coincidiu com as gestões em favor de um maior fluxo de imigrantes japoneses para o Brasil. Seu pronunciamento sobre tal questão, repetia, de certo modo, as classificações das raças apresentadas na época pelos tratados especializados, não vendo, com bons olhos, o aproveitamento dessa mão-de-obra em seu país, principalmente pela "diversidade de educação, costume e objetivo social que separa a raça ariana da mongólica" (...)

A rotina de uma Legação remota não era o que plenamente satisfazia o temperamento executivo de Oliveira Lima, o que lhe permitiu, todavia, aumentar mais ainda sua produção intelectual, dedicando-se a elaborar um livro de impressões sobre o Japão.

Em fins de 1902 foi cogitada u'a movimentação diplomática e Oliveira Lima não pensava em "descartar" uma possível designação para a América do Sul desde que o posto se revestisse de importância política, como lhe parecia o Chile, além de não esconder a alegria que sentiria se viesse a ser Ministro do Brasil em Washington, embora posto de grande responsabilidade e trabalho.

Entretanto, recebeu ordens para assumir de imediato a Legação no Peru, cessando, desta foram, sua brilhante missão oficial junto ao Governo Japonês, e, a partir de então, aumentando o mal estar havido entre ele e o Barão do Rio Branco, que, todavia, conservava, nas aparências, o trato social.

Era deveras constrangedora a situação de Oliveira Lima Ministro no Peru, e sem receber ordens de embarque.

Nesse meio tempo, a bibliografia de Oliveira Lima ganharia mais um título com o lançamento de o **Secretário d'El Rei**, peça histórica nacional em três atos, transcorridos na época de 1738, onde mostrava a importância crescente do Brasil em face de Portugal, ao lado das relações entre um ministro hábil e um rei obstinado e altamente cioso de sua autoridade.

Quando das negociações havidas entre Rio Branco e os peruanos, acreditou Oliveira Lima que seu caso estaria solucionado e o Ministério teria que o designar para um novo posto, o que por sinal, o próprio Barão já aventara.

Sua designação saiu para a Venezuela. De pronto, Oliveira Lima aquiesceu, até porque estava ansioso para iniciar o estudo da questão de limites e abrir as negociações com o governo venezuelano, sua primeira missão diplomática de peso.

Em Caracas, como noutros postos, a sua correspondência para o Itamaraty continuou a manter um fluxo notável, constituindo-se mais do que nunca nesta Legação, em fonte importante de informações sobre a política interna da Venezuela e suas relações externas.

Agravando-se seu estado de saúde, em decorrência de cólicas nefríticas, e, por aconselhamento médico, solicitou licença para tratamento em uma estação de águas em Búfalo, nos Estados Unidos.

Embora fosse atendida a sua solicitação, a comunicação chegou a Caracas quando os hotéis de Búfalo já haviam encerrado a temporada, o que fez com que se lhe escapasse a oportunidade deste tratamento. Suas preocupações continuaram a recair sobre a questão que o levava a Venezuela. É, a 09 de dezembro de 1905 o representante brasileiro compareceu ao Ministério das Relações Exteriores, em Caracas, para firmar, juntamente com o General Ibarra, o acordo de fronteiras, satisfatório aos interesses brasileiros. Fora, sem dúvida, um belo triunfo diplomático, embora no Rio de Janeiro tal sucesso não tivesse tido nenhuma repercussão. Tal desconhecimento público da conclusão dessa importante missão levada a cabo por Oliveira Lima, na Venezuela, fora a primeira "conspiração do silêncio" formada contra ele.

Em junho de 1907 encerrar-se-ia a missão especial confiada a Oliveira Lima naquele país, e, antes mesmo de cogitar sobre seu novo posto, um incidente de repercussão internacional o envolveu, em decorrência de um perfil traçado por ele sobre o caudilho Castro, quando de seu falecimento.

Claro que a tensão entre França e Venezuela ganhou, na imprensa, amplas manchetes, sobremaneira pela ousadia de Castro para com uma das grandes potências mundiais da época.

A adoção de uma consciência crítica em relação aos Estados Unidos por parte de nosso historiador-diplomata, no que se referia, na prática, ao monroísmo do “big stick” manipulado por Theodore Roosevelt para afirmar a liderança continental de seu país, fez com que Oliveira Lima mais se ocupasse das questões pan-americanas, defendendo um panamericanismo baseado “num contexto de bipolaridade”, concordando com a tese do estadista argentino Luís Maria Drago, postulante da plena autonomia política e econômica a todas as nações do continente americano.

Propugnava Oliveira Lima, idealista como sempre, a plena soberania das nações menos favorecidas diante das grandes potências, sendo que o “seu” panamericanismo assentava-se, sobretudo, no princípio de não-intervenção, a qualquer título, nas questões de outros Estados, o que significava dizer, dos Estados Unidos sobre a América Latina.

Tal posicionamento abalou o seu relacionamento com o velho amigo Nabuco, dois homens de temperamentos distintos, e, cada um deles procurando justificar a “sua verdade” sobre essa questão panamericanista.

O desentendimento foi sério: Nabuco chegou a acusar Oliveira Lima de estar a serviço dos interesses políticos do caudilho venezuelano. Por seu turno, não poderia nosso historiador-diplomata deixar de dizer que Nabuco era um deslumbrado pelos políticos norte-americanos.

Nesse meio tempo, novo posto é atribuído a Oliveira Lima: o México, o que não o agradou, decidindo-se mesmo pela não aceitação de tal designação.

Licenciou-se, pois, estava cada vez mais sentindo como lhe era penosa e desagradável a marginalização que lhe impunha Rio Branco, que nem mesmo se interessava por sua colaboração no Rio de Janeiro. Daí resolver partir. Seu novo posto fora, entretanto, a Bélgica. A problemática econômica deste país chamava-lhe a atenção; sua atitude fora a de incrementar as trocas comerciais entre Brasil e Bélgica, país que era não apenas um grande centro econômico como intelectual dos mais importantes da Europa.

Cumprida a sua tarefa, foi enviado à Suécia a fim de reabrir lá a missão diplomática brasileira. Nesse momento, mais do que nunca, Oliveira Lima estava preocupado tanto com a situação interna como com a condução da política externa do Brasil.

Ao chegar à Suécia logo iniciou sua missão junto ao Governo Sueco, ou seja, o restabelecimento da representação brasileira em Estocolmo e as negociações para um Convênio de Arbitramento entre os dois países.

Cumpre-nos enfatizar que Oliveira Lima continuava sempre a batalhar em prol da cultura brasileira na Europa e as notas através da imprensa sucediam-se, falando positivamente, das iniciativas do diploma-

ta-historiador, que, ao partir, em março de 1911, iniciou uma série de conferências, na Universidade de Paris, sobre a "Formation Historique de la Nationalité Brésilienne". Os meios intelectuais franceses reconheceram o valor dessas lições dadas por Oliveira Lima ao público estudioso de Paris com relação à formação histórica brasileira.

Por ocasião do falecimento de Rio Branco, ocorrida a 10 de fevereiro de 1912, Oliveira Lima, apesar dos ressentimentos, escreveu um pronunciamento sério e imparcial sobre o homem e o estadista desaparecido, o que bem demonstrou o seu espírito humanitário e de justiça.

Vaga a Embaixada de Washington, embora Oliveira Lima não a tivesse pleiteado, acalentava esperanças de lá chegar. Aliás, méritos para tal, sobejavam-lhe! E era a mais significativa Embaixada da diplomacia brasileira naquela oportunidade!

Todavia, sua intenção era a de realizar nos Estados Unidos uma série mais ampla ainda de palestras sobre a história comparada das Américas. A experiência na vida universitária norte-americana fora enorme, e Oliveira Lima confessava abertamente sua decisão em abraçar a vida universitária e, no futuro fixar residência em Washington.

Cogitava-se que Oliveira Lima seria designado para cumprir sua missão em Londres, e os registros da imprensa inglesa, enviados pelo Encarregado de Negócios do Brasil em Londres, eram altamente elogiosos ao nosso diplomata.

Enquanto isto, diríamos mesmo, quase indiferente ao desfecho de sua ida ou não à Inglaterra, prosseguia Oliveira Lima seus estudos e sua vasta produção intelectual.

Nesse ínterim, advém sua aposentadoria; a resposta dada a esse afastamento da carreira diplomática, foi de uma altivez e serenidade surpreendentes. Os ressentimentos os guardou em seu íntimo.

Todavia, a aposentadoria não lhe afetara o prestígio; dias após, é Oliveira Lima procurado por um grupo de moços acadêmicos de Pernambuco para realizar uma conferência na tradicional Faculdade de Direito de sua terra. Sentiu, desta forma, quanto interessava aos jovens essa aproximação pessoal, que, a partir desse momento, só aumentou.

Sendo Oliveira Lima um reconhecido historiador e perito em política internacional, nada mais natural que escrevesse sobre o que ocorria no mundo de após guerra, o que veio a despertar alguns comentários pouco abonadores sobre seus pronunciamentos. Entretanto, seu objetivo, era tão somente a defesa da paz, naquele mundo tão dominado pela violência. E a corajosa análise da economia brasileira feita por ele em 1917, embora sem encontrar réplica, despertou a ira de muitos nos comícios e nas colunas dos jornais.

Fora Oliveira Lima sempre um liberal, como já o dissemos e comprovamos, e, num reafirmar deste seu pensamento, podemos ainda lembrar que foi ele, em 1919, praticamente o pioneiro no Brasil a bater-se em pról da participação dos trabalhadores na riqueza que constroem para seu país. Mas seu temperamento polêmico fazia com que, às vésperas da sua partida, ao lado das despedidas mais sentidas, aparecessem insultos acompanhados de caricaturas debochadas publicados pelo Jornal do Comércio. A 21 de agosto de 1920, a bordo do "Avaré", partiria rumo aos Estados Unidos, mantendo-se sempre independente diante de partidos e de governos, ao contrário de muitos intelectuais que não conseguem viver longe dos meios do poder...

Às voltas com a tarefa de instalar sua biblioteca, e, sobretudo com o tempo quase que todo tomado pelas pesquisas no mercado imobiliário de Washington, Oliveira Lima não estava conseguindo escrever no ritmo, que lhe era habitual, o que o deixava sobremaneira impaciente.

O novo professor da Universidade Católica de Washington estava um tanto quanto desgastado: as decepções colhidas no Brasil, o esforço físico que representava a ida diária à Universidade, participar da arrumação da imensa biblioteca (cerca de 50.000 volumes), o clima áspero de Washington, tudo concorria para prejudicar a saúde já precária daquele imenso homem de porte e de inteligência!

No verão de 1922, Oliveira Lima foi a Massachussets, realizar, no Instituto de Ciências Políticas da Universidade de Williamstown, uma série de conferências sobre assuntos brasileiros.

O grande acontecimento para Oliveira Lima, no início do ano de 1924, foi a inauguração da biblioteca que doara à Universidade Católica de Washington, vendo materializado seu sonho de instalar na capital americana um centro de estudos brasileiros, abrangendo também Portugal e a América Hispânica.

Apesar do declínio físico do historiador-diplomata, esteve predisposto até a algumas reconciliações e reconsiderações, a tal ponto que chegou a admitir a possibilidade de integrar a delegação brasileira à Conferência Pan-Americana, marcada para janeiro de 1928, em Havana. Mas havia resistências ainda bem fortes contra seu nome em setores ponderáveis do Itamaraty. O agravamento de seu estado de saúde já o havia convencido da impossibilidade de ir à Cuba. Mas, seu desencanto não foi menor ao saber que para chefiar a delegação do Itamaraty o escolhido havia sido Raul Fernandes. Mesmo em Washington, em seu exílio voluntário, a mesquinha ainda o atingiria mais uma vez...

Em março de 1927 concluiria o Império Brasileiro. O agravar de sua saúde era, a cada dia que passava, fato a ser constatado.

Suas últimas cartas demonstravam a esperança de recuperar-se, pelo menos em parte, para poder regressar ao Brasil. Todavia, o destino não permitiu que isso ocorresse: a 24 de março de 1928, após vencer uma forte crise cardíaca, seu coração parou.

Foi grande a repercussão de seu passamento. Reconheceram, embora tardiamente, seu caráter incólume, sua cultura e inteligência, o magnífico trabalho realizado pelo publicista, pelo historiador, pelo sociólogo, pelo crítico de arte, pelo diplomata, pelo professor, pelo homem Oliveira Lima, morto do convívio material, mas, eternamente vivo pelo que fez e produziu! Nenhuma homenagem, de fato, far-lhe-á a devida justiça!

Esperamos ter demonstrado neste perfil em que tentamos esboçar sua personalidade, o quanto Oliveira Lima soube dividir o tempo entre a diplomacia e a história. Desde **Pernambuco: seu desenvolvimento histórico**, que é de 1894, até **O Império Brasileiro**, que publicou pouco antes de falecer, enumeram-se títulos bastante variados, abrangendo os mais diversos problemas da história e da cultura geral. Escreveu sobre literatura colonial, sobre o descobrimento do Brasil, sobre os Estados Unidos, o Japão, a Argentina e a América Espanhola em geral, sobre os primeiros tempos da República brasileira, coligiu manuscritos de interesse para o Brasil; escreveu sobre Varnhagen, Padre Manuel de Moraes, José Bonifácio, Machado de Assis, o viajante sueco Gustavo Beyer; produziu o mais completo estudo até hoje elaborado sobre o período da corte portuguesa no Brasil; cuidou do ideal panamericano, do movimento da Independência e do reconhecimento do Império; analisou em profundidade a que-rela da sucessão D. Pedro/D. Miguel; interpretou, melhor que outros, as características do Império brasileiro; tratou de coisas diplomáticas, de questões de limites, da evolução da cidade do Rio de Janeiro; redigiu o melhor manual até hoje publicado no Brasil, de **História da Civilização**, tendo sido o primeiro, entre nós, a usar esse título para o que habitualmente se chamava simples e pretenciosamente de **História Universal**; sintetizou, em pequeno volume, um século de relações internacionais do Brasil; transformou conferências ocasionais em livros preciosos e duradouros, como as que proferiu na Sorbone sobre a formação histórica do Brasil, as que proferiu em Lisboa inaugurando uma cadeira de Estudos Brasileiros da universidade da capital portuguesa e das quais resultou o volume **Aspectos da história e da cultura no Brasil**, prefaciado por Teófilo Braga; ou, ainda, as que proferiu em universidades norte-americanas traçando a evolução comparada das Américas Inglesa, Espanhola e Portuguesa. E deixou inéditas as suas memórias, que só foram publicadas por Gilberto Freyre quase dez anos após o seu falecimento; como inédito ficou, também, seu livro **Impressões sobre a América Espanhola**, que só veio a lume em 1953, também por iniciativa de Gilberto Freyre e com magníficos prefácios do autor de **Casa Grande e Senzala** e do Professor

Manoel Cardoso, da Universidade Católica de Washington. Tal como o volume de memórias, as **Impressões sobre a América Espanhola** também integrou a preciosa coleção “Documentos Brasileiros”, da Editora José Olympio. E não contente de tanto escrever de próprio e original, ainda achou tempo para reeditar com anotações a grande obra de Monsenhor Moniz Tavares sobre a Revolução Pernambucana de 1817.

É uma pena que obra tão rica e variada, diríamos mesmo indispensável para certos temas de nossa história, esteja em grande parte esquecida nos nossos dias. Pouco do que escreveu fez jús a reedições modernas. Mesmo sua obra máxima, **D. João VI no Brasil**, publicada em 1909, só uma vez foi reeditada, quase quarenta anos depois; a **Formation historique de la nationalité brésilienne**, publicada originalmente em francês em 1911, foi traduzida para o espanhol pelo historiador mexicano Carlos Pereyra, mais de vinte e cinco anos antes que o fosse para o próprio português; **O Movimento da Independência** e **O Império Brasileiro**, respectivamente de 1922 e 1927, só uma vez foram reeditados, numa edição em que a editora, inexplicavelmente, reuniu os dois livros tão diferentes num só volume; o ensaio sobre o panamericanismo fez jús, há pouco, a uma reedição pelo Senado Federal, na preciosa coleção “Bernardo Pereira de Vasconcelos”, o mesmo ocorrendo, mais recentemente ainda, com os **Aspectos da literatura colonial**, incluída na coleção “Dimensões do Brasil”, criada pela editora Vozes, mas atualmente a cargo da Editora Francisco Alves. Vêem todos que as próprias reedições, com exceção das duas últimas mencionadas já são bem antigas, quase inacessíveis a não ser em bibliotecas muito bem dotadas.

os próprios autores que se tem ocupado da historiografia brasileira pouco tem cuidado de Oliveira Lima. Apenas o historiador pernambucano Fernando da Cruz Gouvêa, nosso preclaro confrade, há pouco eleito para representar Pernambuco em nossa Academia, dedicou-lhe extensa obra, em três alentados volumes e dele ainda cuidou em escritos menores. Metade de um fascículo de **Autores e Livros**, o precioso suplemento literário do antigo jornal “A Manhã”, do Rio de Janeiro, dirigido por Múcio Leão, foi dedicada ao historiador pernambucano, com diversas páginas de e sobre ele, inclusive originais. Mas, onde encontrar-se hoje essa valiosa publicação que data já de mais de 40 anos? O mais que sobre ele se escreveu não passa de discursos acadêmicos (como o de Alberto Faria, sucedendo-o na Academia Brasileira), de notas, de prefácios aos seus livros ou comentários ligeiros na imprensa sobre eles quando de suas publicações. Dir-se-ia que aquela “conspiração do silêncio” que apontamos para a sua vida diplomática também se faz sentir em sua obra de historiador.

Oliveira Lima, como se depreende de sua bibliografia, ministrou cursos e proferiu conferências em diversos países: França, Bélgica, Inglaterra, Estados Unidos, Portugal, Argentina... Sete livros de sua vasta

bibliografia foram publicados originalmente em francês. Por toda a parte procurava falar do Brasil, mostrando aos mais diversos auditórios os traços mais significativos de nossa história e de nossa cultura. Por tudo isto, podemos considerá-lo não apenas um embaixador do Brasil (como tantos existem), mas um embaixador da cultura brasileira. Bem poderia ter feito seu o famoso lema do Barão do Rio Branco “Ubiq̃ue patriae memor”, isto é, “Em toda a parte me lembro da pátria”.

Terminaremos estas considerações sobre nosso patrono lendo um trecho de seu testamento, datado de Lisboa, 18 de outubro de 1923: “Será única e universal herdeira de toda a minha herança a Universidade Católica da América, com sede em Washington, à qual já fiz doação de minha biblioteca, com o seguinte encargo e fim expresso de custear e manter uma cadeira de língua portuguesa e história literária e econômica de Portugal e Brasil, bem como, se sobrar, de distribuir subsídios entre quaisquer estudantes pobres, sem distinção de nacionalidade nem de cor, que cultivarem com zelo essas matérias, a juízo da respectiva congregação universitária. Determino que meu corpo descanse onde ocorrer meu falecimento, sepultado ou cremado de preferência se minha religião não o vedar, sendo adquirida por minha herdeira, isto é, por minha mulher ou na falta desta pela Universidade uma concessão perpétua em campa rasa, a mais modesta possível, e não sendo em caso algum os meus restos objetos de transporte **post-mortem**. Como epitáfio, escolho somente este: **Aqui jaz um amigo dos livros**, sem indicação de nome. Estimaria sobremodo que a minha mulher repousasse perto de mim. Também quero que nenhuma honra póstuma me seja atribuída no meu país ou fora dele”.

Pouco depois de seu sepultamento no cemitério do Monte das Oliveiras, em Washington, seus amigos de Pernambuco mandaram colocar em seu túmulo uma lápide na qual foi gravada textualmente a frase que ele pediu: “Aqui jaz um amigo dos livros”.